



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

HISTÓRIA DAS MULHERES NO CURRÍCULO DE HISTÓRIA DO 9º ANO NO PARANÁ: ENTRE SILÊNCIOS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA

Ândria Vitória Nóbrega Cavalcante¹

Thicyane Gomes de Oliveira Gonçalves de Lima²

Isaias Batista de Oliveira Júnior³

RESUMO: Este trabalho analisa a presença da História das Mulheres no currículo de História do 9º ano da Rede Estadual do Paraná. Com base em pesquisa qualitativa de caráter documental e bibliográfico, o estudo teve como principal fonte o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), articulado a referenciais da historiografia feminista. A análise revelou que a abordagem da temática de gênero é pontual, com menções explícitas à participação feminina em apenas quatro unidades temáticas, enquanto permanece ausente nos processos políticos. A discussão aponta que, apesar dessas limitações, o currículo oferece brechas para práticas pedagógicas comprometidas com a equidade de gênero, desde que conduzidas com intencionalidade crítica por parte do corpo docente. Propõe-se, assim, a resignificação do currículo no cotidiano escolar como ferramenta de transformação social.

Palavras-Chaves: Currículo; Ensino de História; Gênero; Mulheres; Educação.

INTRODUÇÃO

A historiadora Joan Scott (1995) consolidou o conceito de gênero como uma categoria útil de análise histórica, oferecendo um novo olhar sobre a construção das relações sociais e dos discursos de poder. Ainda que os estudos de gênero tenham avançado no campo acadêmico e contribuído para o fortalecimento da História das Mulheres como campo historiográfico, o ensino escolar de História continua reproduzindo silenciamentos. A presença das mulheres nos currículos e nos livros didáticos permanece limitada, com representações estereotipadas ou secundárias, quando não estão completamente ausentes.

A historiografia feminista tem evidenciado que as mulheres sempre fizeram parte dos processos históricos, mas foram invisibilizadas por uma narrativa hegemônica que privilegiou figuras masculinas, brancas e letradas (Collin; Tedeschi, 2015). Essa invisibilidade se traduziu nos currículos a partir do que Linhares (2020) chama de “falocentrismo pedagógico”, ao

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: andrianobrega.historia@gmail.com

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialização em Neuropsicopedagogia Clínica pelo Instituto Rhema de Educação. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: thicegomes@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho-UNESP, Professor Adjunto no Departamento de Teoria e Prática da Educação e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ibojunior@uem.br



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

pontuar que os currículos ainda possuem uma rigidez em abordar discussões de gênero, pois tais documentos foram construídos a partir da perspectiva androcêntrica.

Rosa (2023) analisa que no caso do currículo da Rede Estadual de Educação do Paraná, por exemplo, observa-se que, embora haja espaço para o estudo da diversidade, as questões de gênero aparecem de forma pontual, não sistemática, o que compromete a construção de um ensino crítico e inclusivo. Essa lacuna curricular se reflete também na formação docente e no uso do livro didático, instrumento central no cotidiano escolar, mas que ainda apresenta uma narrativa historicamente excludente. A ausência de representações significativas das mulheres e a superficialidade com que o tema é abordado contribuem para a manutenção de desigualdades simbólicas e para a negação de múltiplas experiências femininas na História (Baptista, 2021).

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo analisar a presença e a ausência da História das Mulheres no currículo de História do 9º ano da Rede Estadual do Paraná. A escolha dessa etapa de ensino se justifica por ser o momento em que os estudantes concluem o Ensino Fundamental, etapa decisiva para a consolidação de visões de mundo e valores sociais. Além disso, é no 9º ano que se abordam conteúdos ligados à História Contemporânea e à atualidade, o que amplia as possibilidades de inserção de temas relacionados à cidadania, diversidade e direitos das mulheres. A partir dessa análise, pretende-se identificar os silêncios impostos por documentos e materiais didáticos, bem como refletir sobre as possibilidades de resistência e transformação no ensino de História, especialmente no que diz respeito à construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade de gênero e a justiça social.

METODOLOGIA

Este trabalho insere-se na área do Ensino de História, com foco nos estudos de gênero, e foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa de caráter documental e bibliográfico. O principal objeto de análise é o Currículo do Ensino Fundamental – Anos Finais da Rede Estadual do Paraná (CREP), com ênfase no componente de História do 9º ano. A investigação buscou identificar a presença, a ausência ou a forma como a História das Mulheres é abordada no documento. O estudo também se apoia em referenciais teóricos ligados à historiografia feminista e aos estudos de gênero no ensino de História, considerando autoras como Joan Scott,



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Gerda Lerner, Ana Maria Colling, Anna Linhares, entre outras pesquisadoras e pesquisadores brasileiros que discutem currículo e educação sob essa perspectiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gerda Lerner destaca que “as mulheres são e foram peças centrais, e não marginais para a criação da sociedade e a construção da civilização” (Lerner, 2019, p. 24). No entanto, o espaço acadêmico, que atualmente possui debates sobre gênero, foi historicamente dominado por homens. Esse domínio resultou na escolha de temas como o espaço público e a política como eixos principais da historiografia, áreas que, durante séculos, excluíram a presença e a participação feminina, reafirmando a marginalização das mulheres na construção do conhecimento histórico. A implicação disso, de acordo com Baptista (2021) está em fazer uma história em que uma parcela significativa de brasileiros não se sintam como agente histórico, a autora argumenta que “se a história narrada nas escolas coloca apenas homens brancos e letrados como condutores do processo histórico, teremos (e temos) gerações de brasileiros e brasileiras – principalmente – que não se sentem parte e agentes da história” (Baptista, 2021, p. 473).

A análise do Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) revelou que a presença da História das Mulheres no componente curricular de História do 9º ano é tímida e fragmentada. Embora o documento afirme promover uma abordagem crítica, plural e comprometida com a diversidade, na prática, os conteúdos diretamente ligados às experiências e aos protagonismos femininos permanecem ausentes ou secundarizados. O currículo enfatiza temas como cidadania, direitos humanos e democracia, mas a dimensão de gênero aparece de forma genérica, diluída em outras categorias, sem direcionamento claro para a abordagem das mulheres como sujeitos históricos centrais. As menções explícitas à participação feminina aparecem em apenas quatro unidades temáticas: o movimento sufragista no Brasil, o movimento feminista no pós-Segunda Guerra Mundial, a atuação das mulheres durante o Regime Militar no Brasil e a abordagem das violências contra grupos marginalizados, em que as mulheres são citadas. Já nas demais unidades temáticas, como a consolidação política da República brasileira, as guerras mundiais, os regimes totalitários, a Era Vargas, o Regime Militar e a Nova República, que tratam de processos políticos e institucionais centrais, não há



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

referência direta à atuação feminina. Nessas seções, a presença das mulheres é, quando ocorre, diluída em discussões sociais mais amplas, o que contribui para sua invisibilização como agentes históricos ativos.

Essa ausência, como já apontado por Michelle Perrot (1995), não se dá por falta de contribuição histórica das mulheres, mas sim por escolhas narrativas que reforçam a exclusão simbólica e epistemológica de suas trajetórias. Os resultados encontrados confirmam o que Collin e Tedeschi (2015) denunciam: uma pedagogia aparentemente neutra que, na verdade, esconde padrões androcêntricos e reafirma a invisibilidade das mulheres na história ensinada. A carência de referências explícitas às mulheres nas habilidades e nos objetos de conhecimento do currículo compromete a formação crítica dos estudantes, pois limita o reconhecimento da diversidade de sujeitos que constroem a sociedade.

Como destaca Tomaz Tadeu da Silva (2001), o currículo não é um instrumento neutro, mas sim um campo de disputas simbólicas, onde identidades são construídas, autorizadas ou negadas. Contudo, é justamente nesse cenário de lacunas e silêncios que surgem possibilidades de resistência e intervenção pedagógica. O CREP, ao valorizar competências como o pensamento crítico, a análise de fontes e a problematização de narrativas históricas, oferece brechas que podem ser exploradas por educadoras e educadores comprometidos com uma educação não sexista. Práticas como a criação de sequências didáticas temáticas, projetos interdisciplinares e rodas de conversa com recorte de gênero se mostram estratégias potentes para integrar a História das Mulheres à rotina escolar, mesmo que o currículo não a explicita. Tais iniciativas exigem intencionalidade, formação continuada e coragem para romper com padrões consolidados. Assim, apesar das limitações estruturais e normativas, o currículo pode ser ressignificado nas práticas cotidianas, abrindo caminhos para uma educação histórica mais justa, democrática e sensível às questões de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do currículo de História do 9º ano da Rede Estadual Paranaense evidencia que, apesar dos avanços no discurso sobre diversidade e cidadania, a presença da História das Mulheres ainda é pouco articulada. As poucas menções existentes se concentram em temas sociais e pontuais, enquanto as narrativas políticas permanecem centradas em sujeitos



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

masculinos. Essa ausência contribui para a reprodução de uma história parcial, que invisibiliza as experiências femininas e limita o potencial formativo da disciplina no que se refere à construção de uma educação mais crítica e igualitária.

No entanto, a própria estrutura do currículo, ao valorizar competências como a análise crítica das fontes e o combate a silenciamentos históricos, oferece brechas importantes para a atuação docente. Cabe, portanto, aos professores e professoras comprometidos com a equidade de gênero explorar essas possibilidades com intencionalidade pedagógica. A inserção da História das Mulheres como eixo estruturante de práticas escolares pode contribuir para romper com uma tradição androcêntrica, promovendo uma educação que reconheça a diversidade dos sujeitos históricos e amplie o repertório dos estudantes sobre cidadania, direitos e justiça social. Assim, este estudo reforça a importância de continuar tensionando os currículos e propondo práticas de ensino que, mais do que incluir, transformem a maneira como narramos e ensinamos a História.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Bruna Cruz. A BNCC e o componente curricular de história – entre competências e habilidades, como ficam as questões de gênero? **Diversidade e Educação**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 467-495, 15 jan. 2021. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/de.v8i2.12099>. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12099>. Acesso em: 22 nov. 2024.

COLLING, A. M. TEDESCHI, L. A. O ensino da história e os estudos de gênero na historiografia brasileira. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 28, n. 53, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32777>. Acesso em: 13 jul. 2025.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LINHARES, Anna Maria. O lugar (ou o não lugar) da mulher no ensino de história? In: NUNES, Francivaldo Alves (org). **História e ensino por historiadores: Lugares, sujeitos e contextos**. 1ª ed. – Maringá: Viseu, 2020.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. **Currículo da Rede Estadual Paranaense** (Versão final). Curitiba: SEED/PR, 2021. Disponível em: <https://professor.escoladigital.pr.gov.br/crep>. Acesso em: 03 dez. 2024.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

PARANÁ. **Currículo da Rede Estadual Paranaense História – Anos Finais**, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br>. Acesso em: 03 dez. 2024.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n.9, p.9-28, 1995. Disponível em: <periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

ROSA, Priscielli do Carmo Roza Cerdeira da. **O estudo de gênero na Base Nacional Comum Curricular de história e no Currículo da Rede Estadual Paranaense**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3962>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php>>. Acesso em: 22 nov. 2024.